



miguilim

revista eletrônica do netli

volume 8, número 3, set.-dez. 2019

DICIONÁRIOS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: BREVES CONSIDERAÇÕES



DICTIONARIES IN PORTUGUESE LANGUAGE EDUCATION: BRIEF CONSIDERATIONS

Pauler Castorino Oliveira BARBOSA
Vanessa Regina Duarte XAVIER

Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão,
Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 30/06/2019 • APROVADO EM 02/01/2020

Resumo

Pretendemos com esta investigação refletir sobre o uso dos dicionários em sala de aula, buscando respostas (e levantando questionamentos) sobre o porquê de as obras lexicográficas não serem muito utilizadas no ensino de língua materna. Para isso, embasa-se em Antunes (2012), que reflete brevemente sobre a desvalorização do dicionário no ensino de Língua Portuguesa (LP), e em Rangel e Bagno (2006), que discorrem sobre os dicionários em sala de aula; apoiamo-nos, também, em estudos com temáticas similares a desta investigação. O percurso metodológico adotado neste trabalho é constituído de levantamentos bibliográficos e reflexões acerca das discussões dos autores consultados. Como resultado, observamos que o

ensino de LP apoiado em obras lexicográficas é realizado precariamente no ensino superior e menos ainda na educação básica.

Abstract

We intend with this research to think about the use of dictionaries in the classroom, looking for answers (and raising questions) about why lexicographic works are not very used in the teaching of mother language. To this end, it is based on Antunes (2012), which briefly discusses about the devaluation of dictionary in the teaching of Portuguese Language (PL), and on Rangel and Bagno (2006), which discuss dictionaries in the classroom; we also support it in studies with similar themes to this research. The methodological approach adopted in this study is constituted of bibliographical surveys and debates about discussions of the authors consulted. As a result, we observe that PL teaching supported by lexicographic works is carried out precariously in higher education and even less in basic education.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Obras lexicográficas. Ensino Básico. Ensino Superior.

KEYWORDS: Lexicographical works. Basic education. Higher education.

Texto integral

Palavras iniciais

Não sei se muita gente haverá reparado nisso – mas o Dicionário é um dos livros mais poéticos, se não mesmo o mais poético dos livros. O Dicionário tem dentro de si o Universo completo.

(MEIRELES, 1998, p. 270).

Os dicionários são instrumentos lexicográficos em que os falantes buscam por significados e informações sobre o uso das palavras, para expressarem suas ideias e sentimentos com maior clareza (BIDERMAN, 1984). Nesse sentido, acreditamos que os dicionários são obras de extrema importância para a comunidade, pois nele (re)conhecemos os significados de inúmeros vocábulos de nossa língua. Nas palavras da epígrafe presente neste tópico, depreendemos que os dicionários contêm um universo completo dentro de si, o dos vocábulos de uma língua.

Quando postulamos que o dicionário é um instrumento importante e necessário socialmente, nos questionamos como essas obras são trabalhadas nas aulas de Língua Portuguesa (LP). Deste modo, a presente investigação tem como objetivo fazer uma reflexão sobre o uso dos dicionários no âmbito escolar, em

específico nas aulas de língua materna, sendo que pretendemos observar se as obras lexicográficas são utilizadas no ensino de LP.

Como aporte teórico, adotamos as obras de: a) Antunes (2012), que aborda sobre como o dicionário é desvalorizado nas aulas de língua portuguesa; b) Rangel e Bagno (2006), que discutem sobre o que são e para que servem os dicionários nas aulas de língua materna, além de trazerem modelos de atividades que envolvem o uso de dicionários, para serem trabalhadas no ensino fundamental e médio.

Por se tratar de uma investigação reflexiva, sendo assim, uma pesquisa qualitativa, o método adotado é constituído basicamente de levantamento bibliográfico e discussões acerca desses referenciais. Portanto, destacamos que o presente artigo será dividido nas seguintes partes: i) uma breve conceituação acerca do que é Lexicografia, Metalexicografia e dicionário; ii) discussões acerca do uso dos dicionários nas aulas de LP; iii) debate sobre a oferta de disciplinas relacionadas à Lexicografia nos Cursos de Letras da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão (UFG/RC); e, por fim, iv) um levantamento sobre como os dicionários contribuiriam de modo eficaz nas aulas de língua materna.

1 Lexicografia, Metalexicografia e dicionários: breves apontamentos e reflexões

O léxico faz parte da realidade do indivíduo em seu cotidiano, visto que ele denomina tudo o que há de real e irreal no mundo ao seu redor, possibilitando, assim, a expressão da sua identidade, tanto individual quanto coletiva (KRIEGER, 2010). Nesse sentido, o léxico faz parte da história do sujeito na sociedade, sendo considerado a somatória de experiências socioculturais em um dado ambiente (BIDERMAN, 2001a).

Os dicionários de língua fazem o registro do léxico de uma língua. Há várias definições de dicionário, tendo em vista as suas diferentes tipologias, porém iremos nos ater apenas ao dicionário unilíngue¹, que define vocábulos de uma única língua, conforme Biderman (1984). Para esta autora, “o *dicionário de língua* faz uma descrição do vocabulário da língua em questão buscando registrar e definir os signos lexicais que referem os conceitos elaborados e cristalizados na cultura” (BIDERMAN, 2001b, p. 17, grifos da autora). Evidenciamos, também, a fala de Barbosa (2001, p. 40, grifos da autora), a respeito, afirmando que

[...] *o dicionário de língua tende a recuperar, armazenar e compilar lexemas efetivos, de frequência regular, integrantes de diferentes normas; o thesaurus linguae propõe-se a compilar lexemas de alta, média, baixa e ínfima frequência, de distribuição regular ou irregular entre os falantes, relativos a todas as variações diacrônicas, diatópicas, diastráticas e diafásicas.*

Notamos, por meio do trecho acima, que os dicionários, geralmente, armazenam os vocábulos de uma língua, sejam eles de alta, média ou baixa frequência. Parafraseando Biderman (1984, p. 27), é importante ressaltar que os dicionários são instrumentos para auxiliar os falantes sobre os significados dos vocábulos, dentre outras funcionalidades, permitindo-lhes um uso mais eficaz do “tesouro léxico que a língua põe à disposição dos falantes do idioma”.

Souza e Murakawa (2019, p. 251) consideram que “o dicionário é um elemento divulgador de cultura, extrapolando os limites de uma obra linguística fazendo-se ferramenta cultural extralinguística”. Para esses autores, os dicionários englobam informações enciclopédicas e culturais de um ambiente, em suas definições. Em vista disso, podemos perceber que a nossa cultura é representada nos dicionários de língua, razão pela qual são de suma importância para o ensino de língua materna.

Compreendemos que o léxico pode ser estudado/investigado por diferentes vertentes, tendo em vista que ele se faz presente em diversos âmbitos de nossas vidas. As ciências do léxico, de acordo com Isquierdo e Krieger (2004), são as seguintes: i) Lexicologia, a qual estuda o léxico de forma ampla, em sua renovação, estruturação, dentre outros aspectos; ii) Lexicografia, área à qual vincula-se esse trabalho, que tem como objeto de investigação os dicionários e outras obras lexicográficas, em seus aspectos composicionais etc.; e, por fim iii) Terminologia, que volta-se ao léxico especializado, ou seja, o estudo dos termos técnicos-científicos.

À luz dessa exposição, é necessário tecer, neste tópico, alguns apontamentos sobre a Lexicografia, ciência essa que estuda os dicionários, dentre outras obras lexicográficas, tais quais vocabulários e glossários, em aspectos relacionados à sua confecção e ao seu conteúdo. Abordaremos, também, a Metalexigrafia, uma subárea da Lexicografia, que versa acerca do uso de obras lexicográficas, crítica, organização, dentre outros temas que envolvam estas obras.

Para isso, fundamentamo-nos em Dapena (2002, p. 24, tradução nossa), para quem “a Lexicografia é a disciplina que se ocupa de todas as questões relativas aos dicionários, tanto no que diz respeito a seu conteúdo científico (estudo do léxico), quanto à sua elaboração material e as técnicas adotadas em sua realização [...]”². A Lexicografia é subdividida em duas subáreas, uma *prática*, que elabora obras lexicográficas, e outra *teórica*, chamada, também, de *Metalexigrafia*, que aborda questões concernentes ao uso e elaboração de dicionários e de outras obras lexicográficas, dentre outros assuntos (WELKER, 2006).

Barbosa (1995) abarca que o ensino de Lexicologia e Lexicografia foi implantado especificamente em 1971, há 48 anos atrás, no Curso de Pós-graduação em Linguística da Universidade de São Paulo (USP), enquanto no bacharelado em Linguística a disciplina é ofertada desde 1972. Nesse sentido, Welker (2006) acredita que desde a inserção dessas disciplinas nos currículos de graduação e pós-graduação da USP deve ter havido um avanço nas reflexões metalexigráficas no ensino superior.

2 Dicionários nas escolas: da distribuição ao ensino

Visamos neste tópico abordar alguns assuntos pertinentes à distribuição de dicionários nas escolas para, posteriormente, discutirmos sobre como essas obras são trabalhadas nas salas de aulas de LP.

Inicialmente, falaremos do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), uma iniciativa do Governo Federal do Brasil que avalia e disponibiliza livros didáticos, literários, dentre outros materiais que cooperam com o ensino, conforme afirma o *site* do MEC. Dentre estes últimos, incluem-se os dicionários de língua.

Segundo o *site* do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), o PNLD é considerado um dos mais antigos programas relacionados à distribuição de livros didáticos, tendo iniciado em 1937, com outra nomeação, a de Instituto Nacional do Livro (INL). Em 1985, o programa passou a ser chamado de PNLD e representou um importante “avanço na história da educação brasileira” (RIBEIRO, 2014, p. 49), tomando por base os seus objetivos que são os de avaliar, selecionar e distribuir livros didáticos de forma gratuita para o ensino público do país.

Salientamos que os dicionários adentraram ao PNLD apenas no ano de 2000, sessenta e três anos após a sua criação, sendo que as obras lexicográficas distribuídas às escolas pelo Ministério da Educação até então “não eram adequadas aos níveis de letramento do público a que foram destinadas, pois seus projetos lexicográficos destinavam-se às consultas de qualquer consulente” (RIBEIRO, 2014, p. 51). Em outras palavras, os dicionários entregues nas escolas não eram específicos para aqueles grupos de estudantes.

Nessa óptica, Rangel (2011, p. 52) aponta que “Os dicionários mais adequados seriam, portanto, aqueles que, sem perder sua especificidade como gênero, dialogassem com livros didáticos, seja com obras ficcionais e de entretenimento dirigidas ao público infantil”. Deste modo, acreditamos, assim como o autor, que os dicionários devem ser elaborados conforme o seu público-alvo.

Em 2002 e 2004, o PNLD organizou uma comissão de especialistas para selecionarem os dicionários que seriam incluídos no *Guia Nacional de Livros Didáticos*, semelhante ao que eles faziam na escolha dos livros didáticos. As obras selecionadas deveriam ser entregues, em princípio, para cada estudante do ensino público, segundo Ribeiro (2014). Destacamos, ainda que os dicionários inscritos nesses anos “não eram escolares, mas simplesmente reduções dos grandes dicionários gerais, elaborados para o público adulto”, conforme Carvalho (2012, p. 13).

Os dicionários distribuídos pelo PNLD, em 2002 e 2004, foram alvos de diversas pesquisas que visavam discutir os tipos de obras lexicográficas adequadas para os alunos do ensino básico. Nesse sentido, o governo criou o PNLD-Dicionários em 2006, que adotava um novo sistema de distribuição de obras

lexicográficas, um sistema de três acervos distintos, sendo eles: o primeiro destinado a fase de alfabetização (1º ao 3º ano do ensino fundamental); o segundo destinado a etapa de desenvolvimento da língua materna (4º e 5º ano do Ensino Fundamental); e, por fim, o terceiro para a fase em que os alunos desenvolvem proficiência em leitura e escrita (6º ao 9º ano do Ensino Fundamental) (RANGEL, 2011). Assim, o PNLD-Dicionários teve como objetivo “equipar as escolas com um número significativo de diferentes tipos e títulos de dicionários” (BRASIL, 2012, p. 19). É importante destacar que a partir da criação do programa, os dicionários não seriam mais distribuídos por número de alunos matriculados, mas sim para instituições de ensino, que receberiam os exemplares.

Atualmente, os dicionários distribuídos são divididos em quatro tipos, que são destinados às diversas etapas do ensino. Podemos apontar uma novidade nesse novo acervo, sendo ela as obras lexicográficas destinadas ao ensino médio que até o momento não eram destinadas a referida etapa do ensino. Notamos na tabela abaixo, os tipos de obras lexicográficas distribuídas pelo PNLD-Dicionários:

QUADRO 1- Os dicionários escolares e suas tipologias

Tipos de dicionários	Etapa de ensino	Caracterização
Tipo 1	1º ano do Ensino Fundamental	- Mínimo de 500 e máximo de 1.000 verbetes; - Proposta lexicográfica adequada às demandas do processo de alfabetização inicial; - Recorrem a ilustrações como estratégia tanto de motivação da leitura (ilustrações ficcionais) quanto de explicitação de sentidos das palavras (funcionais).
Tipo 2	2º ao 5º ano do Ensino Fundamental	-Mínimo de 3.000 e máximo de 15.000 verbetes; - Proposta lexicográfica adequada a alunos em fase de consolidação do domínio tanto da escrita quanto da organização e da linguagem típicas do gênero dicionário; - Recorrem a ilustrações como estratégia tanto de motivação da leitura (ilustrações ficcionais) quanto de explicitação de sentidos das palavras (funcionais).
Tipo 3	6º ao 9º ano do Ensino Fundamental	- Mínimo de 19.000 e máximo de 35.000 verbetes; - Proposta lexicográfica orientada pelas características de um dicionário padrão de uso escolar, porém adequada a alunos dos últimos anos do ensino fundamental.
Tipo 4	1º ao 3º ano do Ensino Médio	- Mínimo de 40.000 e máximo de 100.000 verbetes; - Proposta lexicográfica própria de um dicionário padrão, porém adequada às demandas escolares do ensino médio, inclusive o profissionalizante.

Fonte: Adaptado de Brasil (2012, p. 19)

Discutiremos brevemente nos próximos parágrafos as tipologias supramencionadas. As obras do Tipo 1 e 2 são destinadas aos cinco primeiros anos do ensino fundamental (1º ao 5º ano), sendo essa a fase da alfabetização. Essas tipologias partilham de características semelhantes, visto que o vocabulário utilizado em ambas são mais simples, enquanto o número de entradas são

reduzidos devido ao público-alvo, que ainda não conhece/domina um grande conjunto de palavras. Salientamos, também, que essas tipologias contêm imagens para melhor assimilação das acepções pelos consulentes (BRASIL, 2012).

Os dicionários do Tipo 3 são destinados aos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano). Geralmente, as obras dessa tipologia costumam ter número de entradas superiores aos dos tipos anteriores e optam por definições um pouco mais complexas, além de utilizarem pouco o recurso de imagens. As obras lexicográficas do Tipo 4, por sua vez, são destinadas ao ensino médio e se assemelham aos dicionários padrão³ da Língua Portuguesa, visto que, dentre todos os referidos, são obras mais complexas, tomando por base que elas atendem um público de idade mais avançada, a exemplo de alunos do ensino médio e técnico-profissionalizante (BRASIL, 2012).

Tendo esclarecido esses pontos, nos questionamos se, mesmo com essas tipologias de dicionários distribuídas nas escolas públicas, essas obras são utilizadas nas aulas de Língua Portuguesa. Para Rangel e Bagno (2006, p. 27), “um dicionário pode ser um instrumento bastante valioso para a aquisição de vocabulário e para o ensino aprendizagem da leitura e escrita”. Assim, segundo a perspectiva dos autores, as obras lexicográficas são necessárias nas atividades de leitura e escrita, mas será que os professores de língua têm tal percepção e utilizam-nas efetivamente?

Trazemos, então, uma parcela dos dados da dissertação de Ribeiro (2014), que aplicou questionários a professores⁴ da rede pública de ensino de Catalão – GO sobre o uso de dicionários nas salas de aulas. Nesse sentido, destacamos o quadro abaixo extraído do estudo realizado por Ribeiro (2014), em que notamos as respostas das questões 8 e 11, quais sejam: 8) Como você utiliza o dicionário nas suas aulas?; e, 11) Qual é a frequência de utilização do dicionário nas aulas? Você acha suficiente?

QUADRO 2 – Posicionamentos de docentes da rede pública de Catalão-GO sobre o uso de dicionários nas aulas de língua portuguesa

Código do entrevistado	Questão	Resposta
PR4-1	8	“Sempre quando trabalho com textos, pois sempre tem algumas palavras que o aluno desconhece, é nesse momento que procuramos o significado nos dicionários”.
	11	“Eu trabalho uma vez por semana, não é suficiente, mas como trabalho com duas turmas juntas, muitas vezes dificulta o trabalho com dicionário”.
PU4-6	8	“Os dicionários por serem em poucas quantidades são utilizados em duplas, em todas as disciplinas dependendo da necessidade”.
	11	“Geralmente devido à quantidade existente utilizamos frequentemente duas vezes por semana”.
PU4-11	8	“Eu utilizo o dicionário geralmente quando trabalho com os significados das palavras contidas nas letras dos Hinos Nacionais, Pátria, Bandeira e etc. Também em significados

		de palavras contidas em obras literárias e etc”.
	11	“Não acho suficiente a frequência com que uso os dicionários em minhas aulas seria, mais interessante se os alunos tivessem cada um o seu próprio dicionário para pesquisa de tarefas extraclasse, pois para se fazer uma boa prática do uso do dicionário em sala de aula demanda tempo e temos que cumprir os conteúdos curriculares”.
PU4-19	8	“Já fiz atividades específicas sobre o uso do dicionário e o mesmo também é utilizado de forma constante em todas outras disciplinas, pois, surgem sempre palavras novas que os alunos buscam o significado no dicionário”.
	11	“O dicionário é utilizado diariamente, de acordo com que as dúvidas vão surgindo, e precisam ser sanadas”.
PU5-15	8	“Quando surge uma palavra desconhecida pelos discentes ou para encontrar significados “verdadeiros” de algo que conheçam e até usam mas não sabem o que significa. Para os alunos com mais dificuldade, ou seja 2 ou 3, peço para que eles procurem a palavra e relate para os demais. Caso sejam respostas diferentes, falamos sobre as mesmas”.
	11	“Não tem uma frequência, utilizo quando vejo a necessidade”.
PU5-17	8	“Como ferramenta de auxílio na leitura e interpretação. Na produção de textos. No dia a dia mantenho sempre um exemplar à disposição dos alunos sobre a mesa, incentivo o uso quando questionado sobre alguma palavra ou significado, orientando o aluno na descoberta e esclarecimento da dúvida”.
	11	“O uso do dicionário é quase que diariamente em minhas aulas. Às vezes por toda a turma. Às vezes por alguns alunos que manifestam mais afinidade com o mesmo. Mesmo o incentivo sendo para todos, alguns alunos não despertam vontade espontânea de usá-lo”.
PU5-20	8	“Como não há exemplares suficientes, utilizo em um projeto desenvolvido pela escola e também no contraturno com os alunos que estão no reforço escolar. Além da busca de significados de palavras, faço “ditado” com os alunos e eles procuram as palavras no dicionário para corrigirem seus erros”.
	11	“Uma a duas vezes por semana. Não acho suficiente. Se cada aluno pudesse contar com um dicionário, certamente essa frequência aumentaria”.

Fonte: (RIBEIRO, 2014, p. 70-71)

O quadro acima mostra o número das questões e as devidas respostas dos participantes da pesquisa de Ribeiro (2014). Neste caso, a primeira parte do quadro contém um código para cada professor entrevistado, sobre o qual o pesquisador diz que PU refere-se a professores da zona urbana e PR a professores da zona rural, enquanto os números quatro (4) e cinco (5) que aparecem na sequência desses códigos significam que esses professores

ministravam aulas no quarto (4º) ou quinto (5º) ano do Ensino Fundamental 1 (RIBEIRO, 2014).

Tomando por base o quadro de Ribeiro (2014), temos um panorama da frequência de uso e de como são usados os dicionários de LP nas salas de aulas da primeira parte do Ensino Fundamental.

No que diz respeito à frequência de uso dos dicionários nas classes escolares, notamos que, dos entrevistados, a maioria disse utilizar os dicionários duas (2) vezes na semana, enquanto três (3) falaram que utilizam diariamente e ainda deixaram suas ressalvas sobre a ausência de obras lexicográficas para todos os alunos, além é claro da falta de tempo para lidar com os dicionários e cumprir as demandas do currículo escolar. Destacamos, também, a fala do participante PU5-15, professor da zona urbana do quinto (5º) ano, que diz que não há frequência de uso das obras em sala e que elas só são consultadas quando necessário. Nesse caso, não é possível precisar a frequência de uso dos dicionários em suas aulas de LP; em hipótese, podemos aventar que esse professor faz uso dessas obras em momentos de dúvidas dos alunos sobre o significado, grafia, regência e uso de determinados vocábulos em textos estudados ou nas suas produções textuais.

Nesse sentido, nos questionamos qual o momento certo para consultar um dicionário. Observamos que o próprio Guia de Livros Didáticos (2003, p. 20, grifo nosso) diz que

um dicionário pode ser um instrumento bastante valioso para a aquisição de vocabulário e para a aprendizagem da leitura e da escrita – e isso para todas as áreas e *para todas as horas*, já que ler e escrever, dentro e fora da escola, fazem parte de muitas outras atividades.

Assim, os dicionários devem ser utilizados em diversos momentos de aprendizagem, dentro e fora do âmbito escolar, principalmente nas aulas de LP, visto que esta disciplina deve cooperar para a ampliação lexical do aluno. Quiçá os discentes compreendam a dimensão dessas obras e possam utilizá-las em momentos que não se limitem apenas ao espaço escolar.

Leffa (2011, p. 127) aborda que “o dicionário é importante como objeto de estudo, mas deve estar integrado ao texto e às necessidades do aluno, tanto no momento da leitura quanto no da escrita”. No entanto, acreditamos que os dicionários não devem ser reduzidos a meros instrumentos de correções ortográficas e conferências de vocábulos, conforme já observado por Antunes (2012, p. 138), “o dicionário é reduzido a um ‘guia ortográfico’, a um ‘tira-dúvidas’ sobre a grafia”, principalmente no ensino de língua materna. Uma maneira de trabalhar os dicionários em sala de aula é apresentar a obra enquanto um gênero, visto que ela partilha de uma estrutura própria e isso poderia contribuir para a percepção dos alunos de como manuseá-la, facilitando, assim, outras atividades do dia a dia (RANGEL; BAGNO, 2006).

Voltando ao quadro de Ribeiro (2014), podemos observar que as respostas à pergunta de número oito, acerca de como os participantes utilizavam os dicionários em sala de aula, são parecidas em sua maioria, visto que parece ser unânime entre os professores, pois eles utilizam as obras lexicográficas para conferir vocábulos desconhecidos dos alunos, principalmente aqueles lidos em textos. Porém, gostaríamos de chamar a atenção para o entrevistado PU5-20, professor da zona urbana do quinto ano, que disse que utiliza do dicionário para “corrigir os erros” dos alunos, comprovando os dizeres de Antunes (2012) expostos acima.

Nessa perspectiva, lembramos que Silva (2011a) aborda que os professores fazem críticas aos “erros” e “pobrezas” vocabulares de seus discentes e acabam ignorando conceitos que eles já conhecem. Em continuidade a esse pensamento, a autora afirma que os docentes não utilizam os dicionários em atividades que façam os alunos enriquecerem o próprio léxico, deste modo, ela reflete que “o uso sistemático e apropriado do dicionário pode trazer grandes contribuições para a sala de aula” (SILVA, 2011a, p. 126).

Em nossa perspectiva, os dicionários podem sim contribuir para as aulas de Língua Portuguesa, porém, acreditamos que os professores da rede pública de ensino não são os principais culpados quando o assunto é trabalhar o dicionário em sala de aula de forma que o reduza a um guia ortográfico. Conforme vamos defender a seguir, o problema se faz presente em outra esfera também, a da Universidade, especificamente nos cursos de Letras.

3 Como anda o ensino do léxico no Ensino Superior?

Para responder, apresentando um estudo de caso, a essa indagação, analisamos o Projeto Pedagógico do Curso (PCC) de Letras – Português e Letras – Português/Inglês da Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão. Optamos por analisar o PPC da graduação em Letras da UFG/RC principalmente por trazermos trechos dos dados de Ribeiro (2014), que aplicou questionários a docentes que atuam na cidade de Catalão – GO.

Inicialmente, analisamos os PPCs dos dois cursos para observarmos se neles há disciplinas que tratam da Lexicografia em geral. Nesse sentido, encontramos a de *Estudos do Léxico* que, conforme sua ementa, trata dos seguintes assuntos: “Ciências do léxico. Léxico e cultura. Significado lexical e relações lexicais. Procedimentos de criação lexical. Léxico e ensino” (UFG/RC, 2011a, 2011b, p. 27-28). É importante ressaltar que essa matéria é optativa⁵, ou seja, não faz parte do rol das disciplinas obrigatórias do curso.

Creemos que se essa disciplina fosse obrigatória, poderia contribuir muito para os estudos do léxico, principalmente para que os graduandos em Letras pudessem conhecer mais sobre o léxico da Língua Portuguesa. Como se viu, a disciplina também aborda a Lexicografia, visto que se propõe a tematizar as ciências do léxico. O que deve-se garantir, conseqüentemente, é a sua oferta regular nos cursos de Letras em estudo.

Portanto, após a análise dos PPCs dos cursos de Letras da UFG/RC, notamos que havia uma matéria relacionada à Lexicografia, porém não era exclusivamente sobre essa ciência. Nesse sentido, resolvemos analisar a grade de horários dos últimos sete anos dos cursos de Letras – Português e Letras – Português/Inglês para verificarmos se disciplinas com teor lexicográfico foram ofertadas e com que certa frequência.

Optamos por analisar a grade horária de 2012 a 2018, fornecida pela secretária do curso de Letras Português-Inglês da UFG/RC, pois foram os únicos anos que tinham a grade completa. Nos horários dos anos anteriores, encontramos fragmentos da grade, geralmente, algumas não continham as disciplinas ofertadas no primeiro semestre ou no segundo, sendo que, de 2012 em diante os horários estavam completos, contendo primeiro e segundo semestre.

Para ilustrar a análise empreendida neste estudo, criamos o quadro abaixo para expor quando houve ofertas de disciplinas relacionadas à Lexicografia:

QUADRO 3 – Oferta de disciplinas com teor lexicográfico dos cursos de Letras – Português e Letras – Português/Inglês

Ano	Letras – Português		Letras – Português/Inglês	
	Semestre 1	Semestre 2	Semestre 1	Semestre 2
2012	-	-	-	Tópicos de Lexicografia (NL)
2013	-	-	-	-
2014	-	-	-	-
2015	-	Estudos do Léxico (OPT)	-	-
2016	-	-	-	-
2017	-	-	-	-
2018	Tópicos em Lexicografia Escolar (NL)	-	Tópicos em Lexicografia Escolar (NL)	-

Fonte: Elaborada pelos autores.

No quadro acima, notamos que nos últimos sete anos a disciplina *Estudos do Léxico* foi ofertada uma única vez de forma optativa (OPT), além disso, ela foi ofertada apenas para o curso de Letras – Português. Enquanto, em forma de núcleo livre (NL)⁶, a disciplina *Tópicos em Lexicografia* foi ofertada no segundo semestre de 2012, apenas para a graduação em Letras – Português/Inglês, sendo que seis anos depois houve ofertas de *Tópicos em Lexicografia Escolar* para os dois cursos de Letras da UFG/RC, também como Núcleo Livre.

Nos outros semestres e anos não houve ofertas de disciplinas relacionadas à Lexicografia. Assim, conforme observamos no quadro, podemos notar que disciplinas que envolvem os estudos lexicográficos foram escassas nas grades dos cursos de Letras da UFG/RC. Quando analisamos quantas disciplinas relacionadas aos estudos lexicográficos foram ofertadas, nos deparamos com um número exíguo. As disciplinas *Tópicos de Lexicografia* e *Tópicos em Lexicografia*

Escolar não eram esperadas em nossas análises, tomando por base que elas não fazem parte do catálogo de disciplinas dos dois PPCs consultados. Isso mostra que há uma preocupação por parte do curso em oferecer um pouco desse conteúdo aos discentes dos cursos de Letras, ainda que não frequentemente.

Devemos ressaltar, também, o modo como essas disciplinas são ofertadas, por exemplo, *Tópicos em Lexicografia* foi ofertada apenas para o curso de Letras Português/Inglês, o que também ocorreu com *Estudos do Léxico*, que teve oferta apenas para o curso de Letras Português, em 2015. Apenas em 2018, notamos que *Tópicos em Lexicografia Escolar* foi ministrada para os dois cursos no mesmo semestre. Percebemos, então, que existe um déficit no ensino de Lexicografia nos cursos de Letras da UFG/RC e que alguns discentes tornam-se docentes de língua portuguesa sem nem conhecer a ciência que aborda os dicionários desde a teoria à prática.

Da análise efetuada surgiram alguns questionamentos, quais sejam: faltam especialistas na área? Por que essas matérias são ofertadas exíguas vezes? E qual o déficit que elas podem causar no ensino básico?

Como graduado na instituição em estudo, é possível afirmar que há especialistas na área da Lexicografia nos cursos de Letras da UFG/RC, porém esses são distribuídos para ministrar outras disciplinas⁷, em geral. Acreditamos, então, que faltam, pois, profissionais especializados em estudos gramaticais. Nesse sentido, consideramos que haveria uma necessidade de novos especialistas voltados ao campo da gramática, para que os existentes conseguissem ministrar as matérias de *Estudos do Léxico* e os *Tópicos em Lexicografia* com maior frequência. Em uma reflexão maior, cremos que a falta de disciplinas como essas podem até não formar futuros pesquisadores das áreas do léxico na região, visto que alguns discentes não terão contato com as ciências do léxico⁸.

Como já citamos, os docentes do curso de Letras da UFG/RC tendem a ministrar as disciplinas obrigatórias de língua portuguesa, em razão do quadro exíguo de professores da área, em comparação com um grande quantitativo de disciplinas. Nesse sentido, eles não conseguem, muitas das vezes, conciliar o seu ensino com disciplinas voltadas especificamente para o léxico e menos ainda para a Lexicografia. Isso se deve também, certamente, porque os PCNs de língua portuguesa não fazem menção explicitamente ao ensino do léxico, razão pela qual a formação de docentes de Língua Portuguesa não poderia ser diferente, já que é preciso capacitá-los a ministrar os conteúdos previstos para a Educação Básica.

A ausência de disciplinas de natureza lexical causam um déficit perceptível no ensino básico, pois não temos como esperar que os professores utilizem os dicionários em sala de aula adequada e eficazmente, tendo em vista que eles não obtiveram uma formação eficaz nesse sentido. Desta forma, certamente o problema do uso superficial dos dicionários como recurso no ensino de língua portuguesa começa na universidade, em específico, nos cursos de Letras e se estende à Educação Básica, lugar de atuação, via de regra, dos docentes de língua portuguesa.

Apoiamo-nos na assertiva de Silva (2011b, p. 128) que aponta que “o profissional de letras [...] deve não só saber fazer uso do dicionário, como também

avaliar se seu conteúdo é conveniente para as necessidades que surgirem”. Assim, acreditamos que disciplinas como *Estudos do Léxico*, *Tópicos em Lexicografia* e *Tópicos em Lexicografia Escolar* deveriam ser ofertadas com maior recorrência nos cursos analisados. No entanto, compreendemos que os dicionários também podem ser abordados em outras disciplinas, a exemplo da Morfologia que estuda a estrutura dos vocábulos da língua, e nos estágios de LP, em que os discentes de Letras poderiam voltar suas aulas ao uso de dicionários.

4 Dicionários nas salas de aulas: quais seriam as implicações de um uso eficaz das obras lexicográficas nas escolas?

Em vista das discussões apresentadas até o momento, visamos abordar as implicações de um uso eficaz de dicionários para a educação. Nesse sentido, cremos que professores, graduandos e pesquisadores possam consultar os pontos a serem levantados neste tópico para que eles sejam utilizados em sala de aula, principalmente nas disciplinas voltadas a LP.

Sabemos, conforme os dados de Ribeiro (2014), que os dicionários são utilizados como forma de apoio para conferir grafia e significados de vocábulos conhecidos e desconhecidos. Em detrimento disso, consideramos que as obras lexicográficas podem contribuir muito além para a formação de professores e alunos, sendo assim, conforme mostra a assertiva a seguir:

Em geral, o professor de língua materna, que busca realizar sua tarefa da melhor maneira possível, utiliza dicionários em suas aulas. A adoção de um dicionário como um dos instrumentos básicos para o ensino do idioma revela a consciência do valor didático desse tipo de obra que oferece informações sobre o léxico, seus usos e sentidos, apresentando ainda os padrões gráficos e silábicos dos vocábulos e expressões de um idioma entre outros elementos (KRIEGER, 2005, p. 102).

O uso dos dicionários em sala de aula poderia trazer uma melhor compreensão sobre o léxico da Língua Portuguesa. Nesse ínterim, Antunes (2012) faz alguns apontamentos sobre quais os benefícios do uso dos dicionários para o ensino de LP. Para a autora, consultar o dicionário geral de língua, especialmente os *thesaurus*, leva-nos a conhecer algumas especificidades semânticas dos vocábulos, assim como entender a sua grafia e sua etimologia. Para Dantas (2014, p. 156), outras contribuições do uso dos dicionários que enriqueceriam o ensino de LP seriam: “noções de ortografia, morfologia e sintaxe (isto no âmbito da gramática); informações geográficas, históricas, filosóficas e científicas; além de enriquecimento do vocabulário”. Isso porque os dicionários podem apresentar informações sobre a regência dos verbetes, sua pronúncia, grafia da forma plural, sinônimos ou antônimos, além de listas de adjetivos pátrios etc.

Com base no exposto acima, podemos notar que os dicionários são mais que guias ortográficos, e, por isso, devem ser sempre levados em consideração pelos docentes, para que capacitem os seus discentes ao seu manuseio de modo eficaz.

No entanto, as implicações do uso eficaz dos dicionários, tanto nos cursos de Letras quanto na escola, não se limitam apenas aos pontos mencionados. Ainda à luz de Antunes (2012), o uso eficiente dos dicionários é capaz de: i) propiciar autonomia ao aluno, visto que o discente poderá, por conta própria, manusear com eficácia uma obra lexicográfica, sendo que, geralmente, a busca por vocábulos nesse tipo de obra é orientada pelos professores; ii) promover a difusão de informações sobre o léxico da língua, fazendo com que o estudante compreenda a plurissignificação da língua; iii) identificar os mais diversos contextos que os vocábulos podem ser utilizados; iv) conhecer expressões complexas da língua, por exemplo, “terminar em pizza”, “a cobra vai fumar”, dentre outras; v) desenvolvimento da variedade lexical, em outras palavras, o aprendiz poderia compreender que em determinados textos é necessário utilizar vocábulos mais formais e especializados; e, por fim, vi) apreender, por meio dos vocábulos em uso, vestígios da história e da identidade cultural da LP.

Tais pontos não devem ser levados em conta apenas no ensino, mas devem ser discutidos, também, nos cursos de Letras, com vistas a uma valorização do seu uso igualmente na Educação Básica.

À luz do exposto, as implicações de um uso eficaz dos dicionários ao ensino básico e aos cursos de Letras dizem respeito, principalmente, à ampliação lexical dos alunos e ao conhecimento multicultural de nossa sociedade (DANTAS, 2014). Tomando isso por base, esperamos que surjam novas pesquisas referentes a essa temática e/ou que professores possam rever suas práticas com base nesta investigação, nas aulas de língua materna, para que seus alunos percebam que “o Dicionário tem dentro de si o Universo completo” matizado no léxico de uma língua, consoante a poesia de Meireles (1998, p. 270.), com a qual iniciamos este texto.

Palavras finais

Concluimos, então, que o uso do dicionário não é evitado nas escolas, como pode-se notar nos dados de Ribeiro (2014), porém constituem-se prioritariamente como guias ortográficos. Nesse sentido, analisamos o PPC de dois cursos de Letras da UFG/RC, nos quais notamos que existe uma única matéria que poderia trabalhar a ciência que se preocupa com os dicionários, a Lexicografia, sendo ela a intitulada *Estudos do Léxico*. No entanto, percebemos que essa disciplina foi ofertada uma única vez entre os anos de 2012 a 2018. Nesse mesmo período, foram ofertadas três matérias relacionadas à Lexicografia, as quais foram intituladas de *Tópicos em Lexicografia* e *Tópicos em Lexicografia Escolar*.

Observamos, também, que essas matérias foram ofertadas como optativas ou núcleo livres. De modo semelhante, identificamos que essas disciplinas eram ministradas para um curso apenas, ou seja, quando ofertadas para a graduação em

Letras – Português/ Inglês, elas não o eram para o curso de Letras – Português, e vice-versa. Apenas uma vez, as matérias foram ofertadas simultaneamente.

Por essa razão, acreditamos que o uso de dicionários ocorre de modo equivocado no ensino básico, visto a falta de capacitação dos professores de língua materna nos cursos de Letras. Nesse sentido, uma maneira de reverter transitoriamente essa situação seria ofertar minicursos, cursos de capacitação e até mesmo especializações gratuitas para assim fazer com que os professores já inseridos no ensino básico possam se atualizar para, então, trabalhar corretamente com as obras lexicográficas em sala de aula. A longo prazo os cursos de Letras poderiam trazer matérias como *Estudos do Léxico*, *Tópicos em Lexicografia* e *Tópicos em Lexicografia Escolar* com maior recorrência em suas grades curriculares. Enquanto isso não ocorre, disciplinas voltadas para a prática docente e/ou disciplinas que estudam a estrutura dos vocábulos poderiam abarcar o uso de dicionários em seu dia a dia, podendo contribuir para a formação dos futuros professores de LP.

Salientamos que atualmente existe um projeto na cidade de Catalão – GO intitulado “Mãos à obra: dicionários em salas de aulas”, organizado por Cacildo Galdino Ribeiro, em que o pesquisador, juntamente com sua equipe, faz reuniões quinzenais com professores do ensino básico para nortear esses profissionais na lida com os dicionários em sala de aula. Destacamos que essa ação é uma espécie de *feedback* de Ribeiro para a cidade, visto que ele realizou pesquisa de campo no município de Catalão para realizar a sua pesquisa de mestrado, como verificamos nos dados expostos ao longo deste artigo.

Por fim, concluímos que o uso do dicionário deveria começar nos cursos de graduação em Letras, para que, assim, o ensino dessa ferramenta chegue de modo eficaz nas escolas. Evidenciamos, também, que reflexões como estas não devem ficar apenas em artigos acadêmicos, mas devem ser discutidas igualmente em eventos sejam por palestras, comunicações orais, minicursos e até mesmo nas salas de aulas dos cursos de Letras. Portanto, para nós, os dicionários são obras culturais que mostram a riqueza lexical de nossa língua materna. Aos nossos olhos, as obras lexicográficas são recortes dos momentos que passaram e que vivemos.

Notas

1 Optamos por essa tipologia, visto que é esta a utilizada no ensino de Língua Portuguesa.

2 "la Lexicografia es la disciplina que se ocupa de todo lo concerniente a los diccionarios, tanto em lo que se refiere a su contenido científico (estudio del léxico) como a su elaboración material y a las técnicas adoptadas en su realización [...]" (DAPENA, 2002, p. 24).

3 Para Biderman (1984, p. 27), um dicionário padrão da língua é aquele que tem “uma média de 50.000 verbetes, um pouco mais, um pouco menos”.

4 Ribeiro (2014, p. 65), afirma que “38% dos professores entrevistados são graduados em Letras, 26% em Pedagogia, 32% em outras licenciaturas e 4% são bacharelados em Psicologia”.

5 O aluno precisa cursar um percentual de disciplinas optativas, mas pode escolher dentre as que forem ofertadas no curso e que se encaixem no seu quadro de horários. Por sua vez, não há a obrigatoriedade na oferta de determinada disciplina optativa ou de mais de uma disciplina para cada turma.

6 De acordo com o PPC do Curso de Letras Português e Inglês, “A estrutura do curso, detalhada no capítulo V, inclui um Núcleo Comum; um Núcleo Específico, consistindo em disciplinas obrigatórias e optativas; e um Núcleo Livre, consistindo em disciplinas a serem escolhidas, pelo aluno, dentre todas as oferecidas nessa categoria, no âmbito da Universidade Federal de Goiás” (2011, p. 8).

7 Observamos nessa fala que os cursos de Letras geralmente tendem a focar mais nos estudos gramaticais ao invés dos lexicais, pois teóricos como Antunes (2012) já discutiram essa problemática voltada para o ensino básico.

8 Alguns discentes podem ter contato com as ciências do léxico por meio de Iniciações Científicas, porém, acreditamos que nem todos conseguem participar de programas como este, visto que grande parte dos graduandos trabalham no contra turno de suas aulas.

Referências

ANTUNES, Irandé. *O território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BARBOSA, Maria Aparecida. O Grupo de Trabalho de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL: Formação e desenvolvimento. *Revista da ANPOLL*, v. 1, p. 53-60, 1995.

_____. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, Ieda Maria (Org.). *A constituição da normalização terminológica no Brasil*. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001. p. 23-45.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. O dicionário padrão da língua. *Alfa*, São Paulo, v. 28, p. 27-43, 1984.

_____. *Teoria linguística: (teoria lexical e computacional)*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001a.

_____. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Editora UFMS, 2001b. p. 13-22.

BRASIL. *Com direito à palavra: dicionários em sala de aula*. Brasília: MEC, 2012.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. *Guia de livros didáticos: 1ª a 4ª séries*. Brasília, 2003.

_____. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/component/k2/item/518-hist%C3%B3rico>. Acesso em: 05-01-19.

CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia. Glossários em livros didáticos e dicionários escolares: da redução à expansão lexical na compreensão de textos. *Interdisciplinar: revista de estudos de língua e literatura*, Sergipe, v. 16, p. 30-45, 2012.

DAPENA, José-Álvaro Porto. *Manual de técnica lexicográfica*. Madrid: Arco/Libros, 2002.

DANTAS, Halysson Oliveira. Letramento lexicográfico na educação básica: relações entre o léxico oral e sua forma dicionarizada. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 4, n. 1, p. 150-163, 2014.

ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça. Apresentação. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, volume II. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004. p. 11-15.

KRIEGER, Maria da Graça. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia: impactos necessários. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; FINATTO, Maria José Bocorny. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, volume IV. Campo Grande: Ed. UFMS; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010. p. 161-175.

_____. Dicionários para o ensino de língua materna: princípios e critérios de escolha. *Revista Língua & Literatura*, Rio Grande do Sul, v. 7, n. 11, p. 101-112, 2005.

LEFFA, Vilson José. Aulas de língua materna ou estrangeira deveriam incluir análises dos dicionários como objeto de estudo? In: XATARA, Claudia; BEVILACQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philippe Rene Marie. (Org.). *Dicionários na teoria e na prática – como e para quem são feitos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

MEIRELES, Cecília. *Obra em prosa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1998.

NEVES, Maria Helena de Moura. A prática lexicográfica: onde ciência e arte se encontram. *Alfa*, São Paulo, v. 40, p. 129-139, 1996.

RANGEL, Egon de Oliveira; BAGNO, Marcos. *Dicionários em sala de aula*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

_____. Dicionários escolares e políticas públicas em educação: a relevância da “proposta lexicográfica”. In: CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia; BAGNO, Marcos (Org.). *Dicionários escolares: políticas, formas e usos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 37-60.

RIBEIRO, Cacildo Galdino. *Estudo sobre o uso de dicionários escolares nas salas de 4º e 5º anos da rede municipal de Catalão – GO*. 2014. 112 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2014.

SILVA, Maria Cristina Parreira da. O dicionário deveria ser sistematicamente utilizado em aulas de língua materna ou estrangeira como instrumento pedagógico? In: XATARA, Claudia; BEVILACQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philippe Rene Marie. (Org.). *Dicionários na teoria e na prática – como e para quem são feitos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011a.

_____. Aulas de língua materna ou estrangeira deveriam incluir análises dos dicionários como objeto de estudo? In: XATARA, Claudia; BEVILACQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philippe Rene Marie. (Org.). *Dicionários na teoria e na prática – como e para quem são feitos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011b.

SOUZA, Paulo Santiago de; MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. O dicionário como recurso pedagógico: uma análise dos volumes VI, VII e VIII da coleção *As Ciências do Léxico*. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 75, p. 250-269, 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – REGIONAL CATALÃO. *Projeto pedagógico do curso de Letras: Letras Português e Inglês*. Catalão: UFG/RC, 2011a.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – REGIONAL CATALÃO. *Projeto pedagógico do curso de Letras: Letras Português*. Catalão: UFG/RC, 2011b.

WELKER, Herbert Andreas. Breve histórico da Metalexicografia no Brasil e dos dicionários gerais brasileiros. *Matraga*, Rio de Janeiro, n.19, p. 69-84, 2006.

Para citar este artigo

BARBOSA, Pauler Castorino Oliveira; XAVIER, Vanessa Regina Duarte. Dicionários no ensino de língua portuguesa: breves considerações. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 8, n. 3, p. 423-440, set.-dez. 2019.

Os autores

Pauler Castorino Oliveira Barbosa é mestrando em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão. E-mail: pauler2009@hotmail.com

Vanessa Regina Duarte Xavier é professora adjunta da Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística – Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão. E-mail: vrdxavier@gmail.com